

O ENSINO DA CONTABILIDADE NA UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ: UM ESTUDO SOBRE AS TÉCNICAS E MÉTODOS DE ENSINO APLICADOS PELOS PROFESSORES DOS CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DO CAMPUS DE ITAJAÍ E BIGUAÇU

RESUMO

O método utilizado pelo professor no processo de ensino-aprendizagem é de fundamental importância ao sucesso do aluno. Dentro dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, constata-se grandes dificuldades na aplicação de métodos de ensino utilizados nas disciplinas. O objetivo deste artigo foi o de identificar e analisar os procedimentos, técnicas e métodos de ensino utilizados pelos professores do curso de Ciências Contábeis. Para tanto, foram consultados 53 professores da Universidade do Vale do Itajaí, sendo 32 professores do campus de Itajaí e 21 professores do campus de Biguaçu. Após análise e conhecimento teórico sobre os métodos e técnicas de ensino foi elaborado um questionário aplicado nos meses de outubro e novembro de 2006. As técnicas mais comuns constatadas foram a lousa, transparências e aulas expositivas acompanhadas de exercícios práticos. Na maioria das vezes, o conteúdo programático é desenvolvido a partir do método dedutivo. Expressiva proporção de docentes entende como fator de sucesso didático a busca de equilíbrio entre as características comportamentais e conhecimentos técnicos. O binômio esforçado/positivo sintetiza o esperado de um bom aluno. A busca desse equilíbrio, aliado aos métodos e técnicas eficientes e eficazes, contribui para a formação de profissionais preparados e munidos de conhecimentos para enfrentar o mercado de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Métodos; Ensino-aprendizagem; Técnicas

INTRODUÇÃO

As instituições de ensino superior são os locais adequados para a construção de conhecimento para a formação da competência humana. É necessário inovar, criar e criticar para atingir esta competência.

O ensino superior é chamado em todos os lugares a melhor se adaptar e responder às exigências de uma época em que as possibilidades novas que se abrem seguem lado a lado com a emergência de novos desafios. Formar o cidadão com a potencialidade de desenvolvimento social, cultural, econômico e político da sociedade, implica articular a universidade com as demais instituições sociais.

Os graves problemas ocorridos no ensino brasileiro, especialmente na formação profissional do estudante de Ciências Contábeis e os desafios contemporâneos de fazer ciência, como também a busca por novos caminhos ao se estudar o ensino superior de contabilidade, sugerem modificações na formação acadêmica da área contábil, ou seja, através de um olhar crítico, acredita-se que se faz necessária uma mudança metodológica.

A presente pesquisa buscou, junto a Univali – Universidade do Vale do Itajaí nos campus de Itajaí e Biguaçu, conhecer a realidade das metodologias aplicadas em sala de aula, identificando quais as técnicas e métodos são utilizados no desenvolvimento das disciplinas ministradas nos cursos de Ciências Contábeis.

Entende-se que, hoje, o ensino-aprendizagem deve ser idealizado, planejado através do desenvolvimento das competências e habilidades de todos os envolvidos no processo: professores e alunos. Desta forma, não se pode adotar uma metodologia fixa, determinada e sem abertura para tantas possibilidades que surgem a cada momento. Na procura de se produzir novos conhecimentos, são necessárias as formas mais variadas de ensino, voltadas a uma educação dirigida ao conhecimento e a formação de cidadão, que prepara o indivíduo para desenvolver a sua personalidade, transformar o mundo e se transformar.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE CONTABILIDADE DOS CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

A qualidade e quantidade nos cursos de Ciências Contábeis no Brasil vêm sendo discutidas há tempos. Nota-se um grande crescimento quantitativo dos cursos, principalmente na última década, período em que praticamente duplicou o número de cursos.

A proliferação destas instituições, principalmente particulares, é apontada por Iudícibus e Marion (1986) como uma das causas da má qualidade do ensino de Ciências Contábeis. Aumentou-se o número de instituições, porém, sem nenhuma preocupação com os aspectos qualitativos dos cursos. Ex-alunos e profissionais liberais com pouco ou nenhum conhecimento pedagógico passaram a fazer parte do corpo docente dessas escolas. Para Favero (1997, p. 59), “A contratação de docentes sem qualquer experiência em magistério e sem cursos de metodologia de ensino superior causa impactos negativos na qualidade de ensino e no futuro profissional da área contábil”.

Sobre a influência na má qualidade do ensino no Brasil, Franco (1992), destaca como principais problemas que envolvem os professores os seguintes:

a) carência de corpo docente qualificada, na maioria das escolas, em virtude de baixa remuneração, de falta de estímulo ao mestre e de absoluta ausência de planejamento para sua formação pedagógica e aperfeiçoamento cultural;

b) insuficiência de programas de mestrado e de treinamento pedagógico de professores em todos os níveis;

c) falta de programas de educação continuada, para atualização técnica e cultural de professores, à semelhança do que se propõe instituir para profissionais militantes;

d) falta de vivência profissional de inúmeros docentes de disciplinas técnico-profissionais, o que os impede de serem objetivos em suas aulas, mesmo as teorias, por desconhecerem a aplicação prática;

e) inexistência de critérios, na maioria das escolas, para avaliação de produtividade intelectual e pedagógica de professores, medida que se faz necessária, periodicamente, para manter o corpo docente estimulado e atualizado;

f) inexistência, na maioria das escolas, de capacitação técnico-profissional e de prova de nível cultural (exame de suficiência), para ingresso do professor na carreira.

A área contábil ainda encontra um outro agravante que é o setor empresarial oferecendo melhores condições de trabalho aos profissionais mais qualificados, retirando do ensino aqueles que poderiam dar maior impulso para seu desenvolvimento. A substituição por outro professor de mesmo nível normalmente fica prejudicada.

De acordo com Favero (1997, p. 43) “Como há necessidade de contratação, acabam por assumir a vaga, profissionais sem qualquer experiência no magistério e, em muitos casos, sem comprometimento com o ensino, já que possuem outras atividades profissionais fora da escola”.

Mas, afinal, como deve ser a atuação do professor de Ciências Contábeis em sala de aula?

Pessoas são influenciadas por pessoas. No processo de ensino, esse processo não é diferente. O corpo docente de uma instituição tem grande influência na formação acadêmica de seus alunos. No processo ensino-aprendizagem o professor é o agente ativo e deve ter como papel o elemento facilitador desses processos. Desta forma, é fundamental a sua formação docente e profissional. Algumas características podem gerar influência sobre os alunos de forma positiva ou negativa, como por exemplo: ética profissional, comportamento, metodologia utilizada, conteúdo ministrado, personalidade, qualificação, experiência, dedicação, etc. Neste sentido, o docente deve ser honesto, demonstrar cultura e competência, servindo de exemplo para seus alunos.

Muitas das dificuldades de aprendizagem encontradas pelos alunos da área contábil podem estar no processo de comunicação e no processo motivacional. “O professor tem de ter a capacidade e o dom de provocar atitudes sobre os conteúdos de ensino e sobre o próprio aprendizado, por meio de uma comunicação motivadora. Deve dar condições ao aluno para que este, ao sair da influência exercida, tenha atitudes tão favoráveis quanto possíveis baseando-se num comportamento visível e positivo” (MARION, 1998, p. 34).

O processo motivacional compreendido pelo professor deve permitir aos alunos a aquisição de comportamentos que assegurem um eficiente ajustamento pessoal e sócio-cultural. Costa (1998) apresenta em seu artigo vários estímulos para a motivação. Destacam-se aqui apenas os relacionados ao papel do professor na área contábil:

a) apresentar de tal maneira sua disciplina, que ao aprendê-la o aluno esteja, ao mesmo tempo, aprimorando seus instrumentos de trabalho mental (didática, planejamento, metodologia);

b) apresentar de tal maneira sua disciplina, que aos aprendê-la o aluno esteja, ao mesmo tempo, aprimorando seus instrumentos de trabalho mental (didática, planejamento, metodologia);

c) aceitar críticas e criticar-se a si mesmo; aceitar diversos pontos de vistas estruturados, lógicos, sólidos, reavaliar-se e atualizar-se;

d) aprender a ensinar a sua disciplina;

e) conhecer os conteúdos das disciplinas anteriores e posteriores à sua;

f) aceitar que os alunos são indivíduos, e não números e de diferentes características, e saber agir para cada caso com bom senso e coerência;

g) prover *feedback* imediato e específico às respostas dos alunos;

- h) dar ao aluno oportunidades de selecionar e seqüencializar assuntos a serem estudados, de maneira que ele sinta o mais envolvido possível na atividade educativa;
- i) usar comunicação dinâmica, correta, facilitadora de compreensão e motivadora;
- j) usar somente aqueles itens de testes que sejam relevantes para os objetivos, coerentes e claros;
- k) expressar genuína satisfação em ver o aluno;
- l) reconhecer que as respostas dos alunos, sejam corretas ou incorretas, são tentativas de aprender, e acompanhá-las de comentários positivos;
- m) propiciar ao aluno formas de auto-controlar a extensão da instrução recebida;
- n) permitir que o aluno tão à vontade quanto suas características de idade, desde que não atrapalhe suas aulas;
- o) saber aprender com os alunos;
- p) desenvolver suas aulas demonstrando confiança, satisfação e segurança;
- q) ter boa apresentação pessoal.

QUAL O SIGNIFICADO DE ENSINAR E DE APRENDER?

Quando nos dirigimos aos professores de ensino superior, que têm à sua frente alunos com expectativas de conhecer os grandes mestres e especialistas nos assuntos e de ouvir suas brilhantes preleções, bem como saber de suas melhores experiências no campo profissional, parece lógico que déssemos importância ao ensino. Aprendizagem soa como algo fora de tempo ou fora de moda.

Com efeito, se procurarmos decodificar, de acordo com Cunha (1997, p. 143) “o significado de “ensinar” encontramos verbos como: instruir, fazer saber, comunicar conhecimentos e habilidades, mostrar, guiar, orientar, dirigir - que apontam para o professor como agente principal e responsável pelo ensino. As atividades centralizam-se no professor, na sua pessoa, nas suas qualidades, nas suas habilidades”.

Já quando nos reportamos em “aprender” entendemos: buscar informações, rever a própria experiência, adquirir habilidades, adaptar-se às mudanças, descobrir significados nos seres, fatos e acontecimentos, modificar atitudes e comportamentos - verbos que apontam para o aprendiz como o agente principal e responsável pela sua aprendizagem. “As atividades estão centradas no aluno, em suas capacidades, possibilidades, oportunidades, condições para que aprenda” (CUNHA, 1997, p. 145).

Entendemos que toda e qualquer instituição de ensino, qualquer que seja seu nível, justamente porque existe em função do aluno e da sociedade na qual se insere, deverá privilegiar o ensino-aprendizagem. Desta forma, julgamos de suma importância que os docentes, especialmente da área contábil, objeto de estudo deste trabalho, questionem-se sobre sua participação na criação e organização da aprendizagem de seus alunos.

Para que o processo ensino-aprendizagem ocorra, torna-se necessário o entendimento de alguns princípios comuns de aprendizagem:

- a) toda aprendizagem, para que realmente aconteça, precisa ser significativa para o aprendiz - precisa envolvê-lo como pessoa, como um todo (idéias, sentimentos, cultura, sociedade);
- b) toda a aprendizagem é pessoal, ou seja, a aprendizagem envolve mudança de comportamento ou de situação do aprendiz, e isto só acontece na pessoa do aprendiz e pela pessoa do aprendiz;
- c) toda a aprendizagem precisa visar objetivos realísticos, isto é, que possam de fato ser significativos para aqueles alunos e que possam concretamente ser atingidos nas circunstâncias em que o curso é ministrado;

d) toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento interpessoal entre os elementos que participam do processo, ou seja, aluno, professor, colegas de turma. São características deste relacionamento com o comportamento de diálogo, colaboração, participação, trabalho em conjunto, clima de confiança, o professor não sendo obstáculo à consecução dos objetivos propostos e não sendo percebido como tal.

Compreendida a aprendizagem, o papel do professor desponta como sendo o de facilitador da aprendizagem de seus alunos. Seu papel não é ensinar, mas ajudar o aluno a aprender; não é transmitir informações, mas criar condições para que o aluno adquira informações; não é fazer brilhantes preleções para divulgar a cultura, mas organizar estratégias para que o aluno conheça a cultura existente e crie cultura.

E para facilitar a aprendizagem se seus alunos, suas perguntas costumeiras, tais como: que devo ensinar? como poderei demonstrar que ensinei? como poderei ensinar toda a matéria que devo? serão substituídas por: que objetivos pretendo que meus alunos alcancem? quais são as expectativas dos meus alunos ao virem o meu papel no curso?, como envolvê-los? Que poderei fazer para facilitar seu desenvolvimento e sua aprendizagem?

Ao se dispor a responder estas perguntas, o professor reconhecerá que toda a realidade humana e social se encontra num contínuo e rápido processo de mudanças e transformações. Por isso, ao mesmo tempo em que o professor desencadeia o interesse pela pesquisa, indagação e análise de todos os aspectos da vida humana, entenderá também que a aprendizagem, antes de mais nada, exige uma contínua abertura para modificações, tanto por parte do aluno como do próprio professor. “O professor não deve estar preocupado apenas em passar para o aluno os conhecimentos que sabe, mas fazer o aluno aprender a aprender e para isso é preciso estar preparado” (CUNHA, 1997, p. 27).

O QUE É UM PLANO DE ENSINO?

O plano de ensino organiza as ações do professor numa ordem sequencial hierárquica. Para alcançar um objetivo, vários passos precisam ser dados, numa sequência ordenada, na qual algumas ações precisam ocorrer antes das outras. Há passos que podem ser trocados com outros, sem nenhum prejuízo para o alcance final dos objetivos. Mas há momentos em que isso não ocorre. A ação do professor fica facilitada e, portanto, a aprendizagem dos alunos torna-se mais eficiente, se essas diversas possibilidades de sequências estão claras.

“Um plano de ensino representa uma organização sequencial de decisões sobre a ação do professor, visando influenciar o processo de aprendizagem dos alunos, para que seja mais eficiente; um plano deve ser claro e completo, mas flexível, em função de *feedbacks* da sua própria concretização” (LIBÂNEO, 2000, p. 41).

CARACTERIZAÇÃO DAS FASES DO PLANEJAMENTO DE ENSINO

Planejamento de ensino por si só, não constitui uma fórmula mágica para resolver todos os problemas. O esforço do professor, aliado a um adequado planejamento de ensino promove uma atmosfera de trabalho que se pode chamar de metódica, onde é viável reconhecer as diferentes situações e enfrentar com maior segurança circunstâncias extraordinárias. “Num planejamento de ensino os processos de decisão são múltiplos e para cada etapa existem várias alternativas. Estas devem ser selecionadas de tal forma que cada uma constitua pré-requisito para a etapa seguinte” (FURTER, 1999, p. 32).

Os professores, para efetivarem com propriedade seu trabalho, necessitam realizar uma previsão básica da ação a ser empreendida. Isto os levará a refletir sobre o seu ensino e, numa constante busca de aprimoramento, atingir estágios mais significativos, onde o entusiasmo pelo seu trabalho será um dos mais alentadores incentivos.

Na fase de preparação do planejamento são previstos todos os passos que concorrem para assegurar a sistematização, o desenvolvimento e a concretização dos objetivos propostos. No desenvolvimento, a ênfase recai na ação do aluno e do professor. Gradativamente o trabalho desencadeado desenvolve e aprimora níveis de desempenho. A fase de aperfeiçoamento envolve a testagem e a determinação da extensão do alcance dos objetivos. Estes procedimentos de avaliação permitem os ajustes que se fizerem necessários à consecução dos objetivos.

Para que o professor possa planejar adequadamente sua tarefa e atender às necessidades do aluno, deve levar em consideração o conhecimento da realidade. “Antes de formular objetivos e estabelecer estratégias para o desenvolvimento de sua ação junto aos alunos, é essencial que o professor efetue um balanço sistemático das características, condições e problemas da realidade em que vai atuar” (LIBÂNEO, 2000, p. 91).

MÉTODOS DE ENSINO

A metodologia didática de acordo com Nérice (1992, p. 54), “procura apresentar estruturas de passos de atividades didáticas que orientem adequadamente a aprendizagem do educando.”

O método e a técnica didática encontram-se muito próximos, os quais têm como objetivo comum levar o educando a seguir um esquema para maior eficiência da aprendizagem.

“O método talvez se caracterize por aquele conjunto de passos que vai da apresentação da matéria à verificação da aprendizagem, e a técnica é considerada como procedimento didático que se presta a ajudar a realizar uma parte da aprendizagem a que se propõe o método” (NÉRICE, 1992, p. 55).

Se nós observarmos a maior criação de Deus, o “homem”, notamos que não existem duas pessoas iguais. Cada um tem sua carga genética definida e diferente do seu semelhante. Podemos encontrar pessoas com alguns traços ou comportamento semelhantes, mas não iguais. Podemos notar em uma casa com cinco filhos, mesmo tendo sido gerados pelos mesmos pais e possuírem alguns traços físicos semelhantes, os seus canais de compreensão do mundo externo são diferentes. O professor, independente da matéria a ser ensinada, deverá conhecer bem os alunos (seu público alvo) e, em função disto, variar os seus métodos de ensino. Descrevemos, na sequência, alguns métodos, que poderão ajudar na obtenção de melhores resultados no ensino.

É bom lembrar que, de acordo com Parra (1973), **aprendemos** 1% através do gosto, 1,5% através do tato, 3,5% através do olfato, 11% através do ouvido e 83%, através da vista. **Retemos:** 10% do que lemos, 20% do que escutamos, 30% do que vemos, 50% do que vemos e escutamos, 70% do que ouvimos e logo discutimos e 90% do que ouvimos e logo realizamos.

ALGUNS MÉTODOS DE ENSINO

De acordo com Gil (1997, p. 69), os métodos de ensino “são as atitudes do professor no sentido de organizar as atividades de ensino, a fim de que os alunos possam chegar aos objetivos em relação a um conteúdo específico, tendo como resultado a assimilação dos conhecimentos e a ampliação das capacidades cognitivas e operativas dos alunos”.

Dentre outros, destacam-se:

a) aula expositiva: esta é a forma mais tradicional e mais usada no ensino da Contabilidade. Essa metodologia, segundo Gil (1997, p. 71), “consiste numa predileção verbal utilizada pelos professores com o objetivo de transmitir informações aos seus alunos”. Este

estilo caracteriza-se pela autoridade do professor diante do aluno, provocando sérios problemas de comunicação. Por outro lado, as deficiências devem-se também ao fato de que nem sempre o professor tem ao seu alcance recursos audiovisuais para tornar a aula mais atrativa;

b) excursões e visitas: este método é muito interessante e pode ser estruturado pelo professor de maneira que toda a turma seja beneficiada. Tendo em vista que o Curso de Graduação em Ciências Contábeis visa notadamente à formação de profissionais voltados a atuação em empresas, o hábito de visitá-las é bastante incentivador para os futuros profissionais da área. De acordo com Lopes (2000, p. 35), “Esse método apresenta a vantagem de aguçar a capacidade geral de observação do aluno”.

c) dissertação ou resumo: este método pode ser um complemento do anterior, ou pode ser aplicado individualmente. Lopes (2000, p. 37), afirma que “este método pode ser aplicado após a leitura de livros, de modo parcial ou total, bem como de artigos publicados em revistas especializadas, excursões ou visitas, projeções de fitas”.

d) seminário: segundo Nérice (1992, p. 263), “o seminário é um procedimento didático que consiste em levar o educando a pesquisar a respeito de um tema a fim de apresentá-lo e discuti-lo cientificamente”. Interessante observar que o mais importante no seminário não é a apresentação do tema, e sim, criar condições para a discussão, levar os acadêmicos ao debate, identificar e/ou reformular conceitos ou problemas e avaliar pesquisas.

e) discussão com a classe: este método é bastante tradicional, pois a sua aplicação sugere aos educandos a reflexão acerca de conhecimentos obtidos após uma leitura ou exposição, dando-se oportunidade aos alunos para formular princípios com suas próprias palavras. Lopes (2000, p. 45), coloca que seu objetivo é “dar oportunidade aos alunos para formular princípios com suas próprias palavras e sugerir aplicações para esses princípios”.

f) resolução de exercícios: como forma de complementar as aulas teórico-expositivas, esse método deve ser utilizado para a fixação dos conceitos abordados em sala de aula. Nérice (1992, p. 265), aduz que, “após sua resolução, o professor deve corrigi-los sempre que possível em sala para que o aluno tenha conhecimento dos erros e acertos que cometeu”.

g) estudo de caso: segundo Marion (1998, p. 110), “O estudo de caso consiste em apresentar sucintamente a descrição de uma determinada situação real ou fictícia para sua discussão em grupo”. Este método pode ser dividido em análise, que objetiva o desenvolvimento da capacidade analítica do aluno, e o caso problema, que visa chegar a uma solução, a melhor possível, com os dados fornecidos pelo caso.

h) estudo dirigido: consiste na orientação aos alunos no estudo de determinado conteúdo. De acordo com Lopes (2000, p. 75), “Deve-se observar a modalidade de percepção dos alunos que farão parte desse estudo, para que se faça uma programação voltada para aquele grupo”.

i) jogos de empresa: permite ao aluno, em grupo, tomar decisões em empresas virtuais, negociando com outras empresas de outros grupos da sala de aula ou até mesmo de outras classes, períodos e cursos. Nas colocações de Marion (1999, p. 52), o objetivo dos jogos de empresa, quando utilizados como métodos de ensino de contabilidade “é desenvolver nos participantes de um curso, a habilidade em tomar decisões baseadas em dados contábeis e de mercado, por meio da utilização de um jogo em que esses participantes representam à diretoria de uma empresa que competem em um mesmo mercado”.

PRINCIPAIS CONCEITOS DA ÁREA EDUCACIONAL

Segundo Nérice (1997), educação é o processo que visa capacitar o indivíduo a agir conscientemente diante de situação novas da vida, com aproveitamento da experiência

anterior, tendo em vista a integração, a continuidade e o progresso social, segundo a realidade de cada um, para serem atendidas as necessidades individuais e coletivas.

Como já dito anteriormente, vamos dar atenção maior aos métodos e técnicas de ensino, por serem os alvos da pesquisa.

O autor Nérice (1997) categoriza os métodos de ensino em dez aspectos, cada aspecto possui em média três métodos. A pesquisa buscará identificar quais dos métodos são utilizados com maior frequência pelos professores da amostra. Segundo o referido autor, temos os seguintes métodos:

a) quanto à forma de raciocínio: método dedutivo: o assunto estudado segue do geral para o particular; método indutivo: o assunto estudado é apresentado por meio de casos particulares, sugerindo-se que se descubra o princípio geral que rege os mesmos e método analógico: quando os dados particulares apresentados permitirem comparações que levam a concluir, por semelhança;

b) quanto à coordenação da matéria: método lógico: quando os dados ou fatos são apresentados em ordem de antecedente e conseqüente ou do menos complexo ao mais complexo e método psicológico: quando a apresentação dos elementos segue mais os interesses, necessidades e experiências do educando.

c) quanto à concretização do ensino: método simbólico ou verbalístico: quando todos os trabalhos da aula são executados através da palavra e método intuitivo: quando a aula é efetuada com o auxílio constante de concretizações, à vista das coisas tratadas ou de seus substitutivos imediatos.

d) quanto à sistematização da matéria: método de sistematização rígida: quando o esquema da aula não permite flexibilidade alguma, através de seus itens logicamente entrosados; método de sistematização semi-rígida: quando o esquema da aula permite certa flexibilidade para melhor adaptação às condições reais da classe e método ocasional: quando é aproveitada a motivação do momento, bem como os acontecimentos relevantes do meio.

e) quanto às atividades dos alunos: método passivo: quando se dá ênfase à atividade do professor, ficando os alunos em atitude passiva e método ativo: quando se tem em mira o desenvolvimento da aula com a participação do educando.

f) quanto à globalização dos conhecimentos: método de globalização: quando, através de um centro de interesse, as aulas se desenvolvem abrangendo um grupo de disciplinas; método não globalizado ou de especialização: quando disciplinas e partes das mesmas são tratadas de modo isolado, estanque, sem articulação entre si e método de concentração: assume posição intermediária entre o globalizado e o especializado ou por disciplina.

g) quanto à relação do professor com o aluno: método recíproco: quando o professor encaminha alunos a ensinar os colegas e método coletivo: quando temos um professor para muitos alunos.

h) quanto ao trabalho do aluno: método de trabalho individual: quando, procurando atender principalmente às diferenças individuais, o trabalho escolar é ajustado ao educando; método de trabalho coletivo: quando dá ênfase ao ensino em grupo e método misto de trabalho: quando planeja, em seu desenvolvimento, atividades socializadas e individuais.

i) quanto à aceitação do que é ensinado: método dogmático: quando o aluno tem de guardar o que o professor estiver ensinando, na suposição de que aquilo é verdade e método heurístico: consiste em o professor interessar o aluno em compreender antes de fixar.

j) quanto à abordagem do tema de estudo: método analítico: implica a análise, do grego *analysis*, que significa decomposição, isto é, separação de um todo em partes e método sintético: implica a síntese, do grego *synthesis*, que significa reunião, isto é, união de elementos para formar um todo.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

A pesquisa de acordo com os seus objetivos gerais pode ser classificada como um estudo exploratório. Nas colocações de Longary e Beuren (2004, p. 69), “Essa pesquisa requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação”.

No que se refere aos procedimentos técnicos a serem utilizados do ponto de vista empírico, normalmente no que tange aos critérios e ao ambiente em que foram coletados os dados, a pesquisa pode ser delineada como do tipo levantamento. Isso se explica pelo fato de que a maior parte dos dados e informações que orientam o estudo foi obtida diretamente dos professores dos cursos de Ciências Contábeis, mediante questionários e entrevistas.

Sobre os levantamentos, Gil (1997, p. 53) afirma que, “As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas a cerca do problema estudado e, mediante análise quantitativa, obter conclusões correspondente as dados coletados”.

Quanto ao tratamento e análise dos dados dos planos de ensino das disciplinas objeto de estudo, assume características de pesquisa documental, pois de acordo com Gil (1997, p. 53), “[...] Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados [...]”.

A população objeto da pesquisa constituiu-se dos professores dos cursos de Ciências Contábeis da Univali – Campus Itajaí e Biguaçu.

ANÁLISE DAS RESPOSTAS

A presente parte dessa pesquisa cuida da apresentação dos resultados do estudo, bem como de sua conseqüente análise e discussão. De acordo com Gil (1997, p. 89), “a regra básica na apresentação dos resultados é apresentar todas as provas significativas para a pergunta proposta na pesquisa”.

Foram entrevistados 53 professores da graduação de Ciências Contábeis da Univali, sendo 32 professores do campus de Itajaí e 21 professores do campus de Biguaçu. A faixa etária dos docentes está entre vinte e três e cinquenta e cinco anos. O menor tempo de magistério é de um ano e o maior de 24 anos.

Por ocasião das entrevistas, foi utilizado como elemento auxiliar em todos os entrevistados um instrumento roteiro com cinco questões, através das quais, foram obtidos os seguintes resultados:

Questão 1 - Métodos e técnicas de ministrar as aulas

Essa pergunta procura verificar as técnicas e métodos de ensino utilizados pelos professores. Uma variável importante verificada para escolha de determinada técnica ou método é a disciplina que o docente ministra.

Os recursos citados foram: lousa, transparências, *datashow*, laboratório de informática, *email* e *webpage*.

Desses recursos, os professores citaram que, dos recursos que utilizam, 90% é a lousa, 50% transparências, 40% *datashou*, 15% vídeo, 15% laboratório de informática, 20% *email* e 15% *webpage*. No Gráfico 1, consta a representação dos índices.

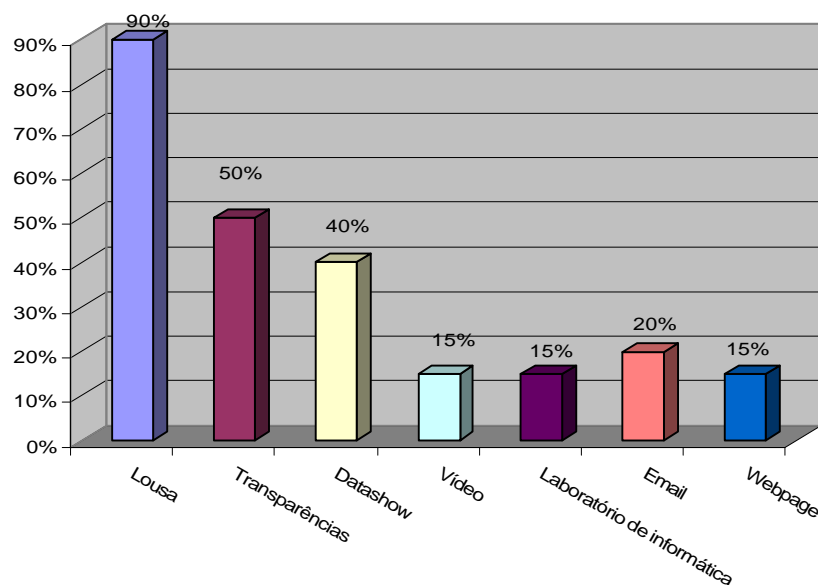


Gráfico 1 - Métodos e técnicas de ministrar as aulas

A metodologia de ensino está ligada aos recursos que por sua vez estão ligados ao que o docente entende como importante no seu modo de ministrar aulas. A maioria dos docentes que mencionaram os recursos e-mail ministra as seguintes disciplinas: Contabilidade avançada, Intermediária e de Custos, onde preponderantemente as aulas seguem o ritmo de uma aula expositiva seguida de exercícios. Esses recursos, para os docentes, são identificados como uma maneira de tornar o tempo de aula mais eficiente, pois passaram a deixar os exercícios e soluções na internet.

As técnicas citadas forma: aula expositiva, exercícios em sala de aula e extra-classe, seminários, estudo de casos e palestras com especialistas no assunto. Dessas técnicas o percentual de professores que as utilizaram, 95% aulas expositivas, 70% exercícios em aula e extra-classe, 30% seminários, 30% estudo de casos e 15% palestras. No gráfico abaixo, exibe estes índices.

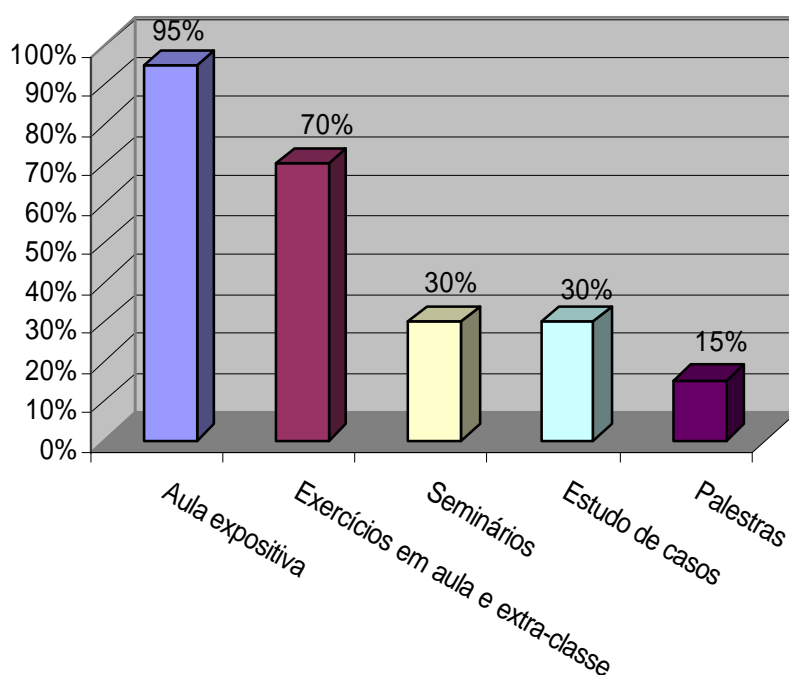


Gráfico 2 - Técnicas citadas pelos professores

Os professores que utilizam seminários, estudo de casos e palestras não ministram disciplinas extremamente técnicas. Como se pode verificar a maioria dos docentes utiliza aulas expositivas. Isso se deve, provavelmente, ao conteúdo, já que mais de 70% das disciplinas ministradas são da área contábil. Esses docentes utilizam o método tradicional: primeiro uma aula expositiva, seguida de exercícios para fixação.

Questão 2 - Desenvolvimento, ritmo da aula

Trata-se de uma continuação da primeira e pretende analisar o ritmo da aula mais freqüente durante o curso.

Os professores em sua quase totalidade utilizam o método dedutivo, ou seja, seguem do geral para o particular. Identificamos apenas um professor que utiliza o método indutivo, isso ficou evidente em sua resposta: “Na teoria utilizou-se de aulas expositivas, tentando colocar o aluno do lado do professor, ou seja, apresenta um problema, provocando a discussão do assunto e conduzindo a aula de forma a concluir com teoria/assunto que se pretende aplicar na aula”.

Com relação aos métodos quanto a coordenação da matéria pode-se verificar que todos utilizam o método lógico, já que no ensino superior é necessário que determinado conteúdo seja abordado.

Questão 3 - Características comportamentais versus conhecimentos técnicos como fatores de sucesso no exercício da docência

Essa questão objetiva verificar os métodos quanto a relação professor e aluno e as concepções da atividade profissional do professor.

De acordo com a literatura educacional o profundo conhecimento técnico sobre determinada disciplina não constitui fator único para o sucesso do exercício da docência. Deve existir uma preocupação por parte do educador, com todas as variáveis em jogo dentro

do processo do ensino-aprendizagem. Para Abud (1999, p. 38) não se deve considerar que “o domínio consistente dos conteúdos teóricos específicos constitui fator de competência suficiente para que a relação interpessoal e dialógica do trabalho ocorra com sucesso”.

Na pesquisa colocamos a questão em aberto para verificar realmente possíveis tendências para esses novos perfis. Resumidamente se obteve três tipos de respostas: um maior peso para as características comportamentais, uma maior atenção ao conhecimento técnico e uma harmonia entre ambos.

Analisando as respostas, identificamos que 25% dos fatores de sucesso são as características comportamentais, 5% conhecimentos técnicos e 70% harmonia entre ambos. O Gráfico 3, evidencia estes índices.

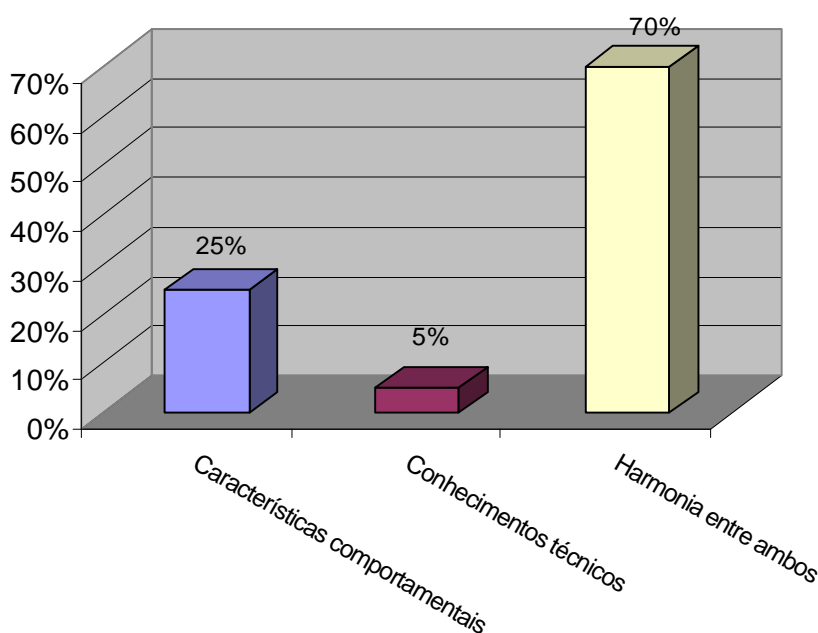


Gráfico 3 - Fatores de sucesso no exercício da docência

Surpreende positivamente a expressiva proporção de professores que entendem como fator de sucesso e equilíbrio entre características comportamentais e conhecimentos técnicos.

Questão 4 - O “bom aluno”

Essa questão verifica a concepção do professor sobre qual deveria ser o papel do aluno na relação ensino-aprendizagem. Foi muito citado o termo “participativo/interessado”.

Outros termos citados: esforçado, pesquisador, atento, predisposto, responsável, ético, respeitoso, pró-ativo, educado, bom raciocínio lógico, assíduo, curioso, criativo, organizado, dinâmico, coleguismo, com boa concentração, consistente, estudioso, etc.

O contraste entre o “bom” e “mau” aluno segue a mesma tendência entre os professores da amostra: o participativo/esforçado versus desinteressado/pouco esforçado.

Felizmente há uma tendência que busca o desenvolvimento cognitivo do aluno, na construção de um profissional com senso crítico e criatividade para enfrentar novas situações e tomar decisões. O interessante é analisar quais os valores implícitos dentro do que o docente entende como “bom aluno” e que acabam por moldar esse perfil.

Questão 5 - A avaliação da aprendizagem

Essa questão objetiva verificar qual o critério regimental de avaliação da instituição, como o docente o administra e quais os tipos de avaliações e seus respectivos pesos.

A avaliação é uma variável importante que está ligada ao planejamento do curso, definido determinado conteúdo, a maneira como ele será transmitido e os objetivos educacionais, o docente consegue identificar o tipo de prova que melhor se adapta a cada situação.

Os tipos de avaliação citados foram: dissertativa, teste, atividade em sala de aula, trabalho escrito, seminário, participação, entrega de exercício, resumo de livro e resenha crítica.

Analizamos os docentes que ministram mais de uma disciplina (quatorze professores) e verificamos que exatamente 50% utiliza o mesmo critério de avaliação, tipos de prova e pesos para todas as disciplinas, enquanto a outra metade leva em consideração as características de cada disciplina.

CONCLUSÕES

A criação do curso de bacharelado em Ciências Contábeis ocorreu há menos de cem anos. É inegável o avanço dessa ciência ao longo desse período, constatado pela extraordinária expansão de cursos de graduação, pós-graduação e centros de pesquisas.

A busca de uma nova visão do profissional contábil já apresenta promissores resultados. Mudou-se a concepção do “Guarda-livros” e do “Contador Tributarista” para um profissional com preparo amplo, um “*Controller*”, um “Tomador de Decisões”..

De acordo com o objetivo do perfil do egresso deve-se determinar características desejáveis em relação ao processo de seleção dos candidatos ao curso, orientar os conteúdos programáticos, planejar os procedimentos, técnicas e métodos de ensino e construir um processo contínuo de avaliação.

Dessas dimensões interessou-nos analisar os procedimentos, técnicas e métodos de ensino. A partir do levantamento de informações de vinte professores podemos constatar que a aula expositiva, seguida de exercícios, é a técnica mais comum entre todos os respondentes. É preponderante, e em acordo com a técnica mais freqüente, o uso da lousa e transparências.

Os resultados encontrados mostram que disciplinas com conteúdos técnicos são lecionadas, prioritariamente através de aulas expositivas e aulas de exercícios com o auxílio de quadro de giz.

O método dedutivo é mais comum, quando do ensino dos conteúdos programados. A maioria dos professores respondentes, entendem que deva haver um equilíbrio entre as características comportamentais e conhecimento técnico para o sucesso de um docente. O conceito de “bom aluno” é sintetizado pelo binômio participativo/esforçado. Os depoimentos dos entrevistados revelaram preocupação dos docentes com o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Constatou-se que os professores utilizam diversos tipos, pesos e critérios de avaliação.

Na comparação das respostas obtidas com os planos de ensinos publicados, observou-se que os professores seguem o que está determinado no seu planejamento.

De acordo com o referencial teórico se verificou que o ideal é que a avaliação esteja em consonância com as outras variáveis do curso. O resultado da análise mostra que apenas metade dos docentes que ministram mais de uma disciplina utilizam um critério, tipo e peso de avaliação diferente.

Concluímos que no processo de ensino-aprendizagem, a capacidade de perceber de cada indivíduo é diferente. Conhecendo bem os seus alunos, o professor poderá determinar qual o método ou conjunto de métodos que poderão ser aplicados. Por outro lado, seja qual for a metodologia, o professor deverá sempre propiciar que a “chama da motivação” do aluno permaneça acesa.

Conclui-se também que a busca por melhorias no curso de Ciências Contábeis passa pelo aprimoramento das disciplinas que sustentam essa ciência. Em uma sociedade onde as informações são cada vez mais requeridas ao profissional da contabilidade, metodologias, como jogos de empresa, phillip, estudo de casos, resolução de problemas, entre outros, são fundamentais serem desenvolvidas para a formação desses profissionais.

REFERÊNCIAS

ABUD, Maria José Milharezi. **Professores de ensino superior:** características de qualidade. Tese de doutorado, PUC – São Paulo: 1999.

COSTA José Mário Ribeiro da. **O ensino da contabilidade na universidade brasileira:** quem é e como pensa o seu corpo docente. Dissertação (mestrado), Fundação Getulio Vargas - Rio de Janeiro – 1998.

CUNHA, Isabel da. **O bom professor e sua prática.** 6. ed. São Paulo: Papirus, 1997.

FAVERO, Hamilton Luiz. **O ensino superior de Ciências Contábeis no estado do Paraná:** um estudo de caso. Dissertação (mestrado), Fundação Getúlio Vargas - Rio de Janeiro – 1997.

FRANCO, Hilário. **Aprimoramento técnico e cultural de professores e valorização profissional.** In: Congresso Brasileiro de Contabilidade, 14. Anais. Salvador, 1992. v III.

FURTER, Pierre. **Educação e reflexão.** Petrópolis: Vozes, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

IUDÍCIBUS, Sergio de; MARION, José Carlos. **As faculdades de ciências contábeis e a formação do contador.** Revista Brasileira de Contabilidade. Rio de Janeiro. N. 56, p. 50-56, 1986.

LIBÂNEO. José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2000.

LONGARY, André Andrade; BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LOPES, Washington de Almeida. **Métodos de ensino aplicados ao estudo da contabilidade.** Anais do XV Congresso Brasileiro de Contabilidade: Fortaleza, 2000.

MARION, José Carlos. **O ensino da contabilidade.** São Paulo: Atlas, 1998.

MEC. Ministérios da Educação e do Desporto. **Diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em ciências contábeis.** Disponível em <www.mec.gov.br>. Acesso em: 08 de junho de 2006.

NÉRICE, Imídeo Giuseppe. **Metodologia do ensino:** uma introdução. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

PARRA, Nélío. **Metodologia dos recursos audiovisuais.** São Paulo: Saraiva, 1973.